

AN AIS

Organizadores

Edwar Castelo Branco
Fábio Leonardo Brito

III Colóquio

HISTÓRIA, CULTURA & SUBJETIVIDADE

**HISTÓRIA, SUBJETIVIDADE E CONFLUÊNCIAS:
20 ANOS DO GTHC&S**



contraponto

v. 21 (2026): - Suplemento 1 – Anais do III SHC&S.

APRESENTAÇÃO

Como chegamos a ser o que somos?

Edwar Castelo Branco
Fabio Leonardo Brito

“História, Subjetividade e Confluências: 20 Anos do GTHC&S”. Sob esta chamada o Grupo de Trabalho História, Cultura e Subjetividade realizou na cidade de Parnaíba, Piauí, no campus da Universidade Estadual do Piauí, o seu III colóquio. O evento reuniu pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e teve público flutuante de mais de duzentas pessoas ao longo de três dias.

Sete simpósios temáticos compuseram o programa científico do evento: *História e Jornalismo*, coordenado pela Profa. Dra. Daiane Rufino Leal, *História e Cinema*, coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Leonardo Brito, *História e Literatura*, coordenado pelo professor Jaislan Monteiro, *Juventude e Movimentos Sociais*, coordenado pelo Prof. Dr. Idelmar Júnior, *História Cultural e Pensamento Social Brasileiro*, coordenado pelo Prof. Dr. Messias Cardoso, *História e Sensibilidades*, coordenado pelo Prof. Dr. Francisco Nascimento e pelo Prof. Robinson de França e *De Simplicio Dias a Bolsonaro: subjetividades fascistas, caudilhas, autoritárias e militarescas*, coordenado pelo Prof. Dr. José de Arimateia de Oliveira.

O GT, fundado em 2005 e inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, foi criado por Edwar Castelo Branco, que o lidera. A partir de 2012 passou a integrar o grupo, como colíder, o professor Fábio Leonardo Brito. Em mais de duas décadas de existência o grupo se consolidou como um significativo espaço de interlocução do universo acadêmico piauiense com diferentes universidades no mundo todo. No Brasil, pesquisadores como Durval Muniz (UFRN), Ana Maria Mauad (UFF), Adalberto e Kátia Paranhos (UFU), Maria Izilda Matos (PUC-SP), Leonardo Ventura (UFRN), Jailson Silva (UFC), Adilson Filho (UEPB) e muitos outros são interlocutores constantes do grupo. No exterior o grupo já criou também uma consistente rede de colaboração, podendo-se destacar Matthew Worley, do *Department of Teaching and Learning* da *University of Reading*, Reino Unido, José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal e Michael MacDonald, da Faculdade de Belas Artes e Comunicação, da Universidade de MacEwan, no Canadá.

Os anais ora apresentados, além de cumprirem o papel reservado a este tipo de publicação, desejam preservar a memória de um encontro que foi marcado pela pluralidade de objetos, perspectivas e problemas de pesquisa que têm atravessado a trajetória do GTHC&S. Ao longo de seus vinte anos, o grupo tem constituído um espaço de diálogo entre a História e diferentes campos da produção cultural, interrogando as formas pelas quais sujeitos, sensibilidades, imaginários e experiências sociais são historicamente produzidos.

A diversidade dos trabalhos aqui reunidos traduz, de maneira particularmente expressiva, esse horizonte de confluências. As pesquisas percorrem temas como a cidade e suas utopias, a imprensa, o cinema, a literatura, os fanzines, os movimentos estudantis, as experiências juvenis, a música popular, a cultura operária, a dança e as diferentes formas de autoritarismo. São objetos que, embora distintos, compartilham uma preocupação comum: compreender como determinadas experiências históricas produzem modos de viver, sentir, imaginar e atribuir sentido ao mundo. Os trabalhos revelam a vitalidade de uma historiografia atenta às zonas de contato entre cultura, política, memória, sensibilidades e subjetividades. O que os aproxima não é a unidade temática, mas justamente a disposição para fazer da diversidade dos objetos uma oportunidade de problematização histórica.

O encontro reafirmou a capacidade do GTHC&S de constituir espaços de circulação de ideias, formação acadêmica e diálogo entre diferentes gerações de pesquisadores. Celebrar vinte anos de existência, portanto, significou também reafirmar a importância do encontro como dimensão constitutiva da produção do conhecimento histórico.

O que se deseja é que estes anais possam ser compreendidos não apenas como registro de um evento, mas como vestígio de uma trajetória coletiva e como convite à continuidade do diálogo. Entre História, cultura e subjetividade as confluências permanecem abertas. E é a pretexto destas confluências que seguiremos indagando sobre como chegamos a ser o que somos, tal como somos.